

Vazios

Lugares
em
espera

Revitalização e
requalificação de
vazios urbanos

Mestrado em Arte e Design
para o Espaço Público

Faculdade de Belas Artes da
Universidade do Porto

Maria João Tavares

Projecto/Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Arte e Design para o Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Orientador: Professor Doutor Arquitecto Pedro Leão Neto, FAUP

Agradecimentos

Ao professor Doutor Arquitecto Pedro Leão Neto, pela orientação prestada.

À Professora Doutora Gabriela Pinheiro, pela dedicação ao longo de todo o mestrado.

Aos meus pais, à minha irmã e ao Duarte pelo incentivo e por estarem sempre presentes.

Às minhas bailarinas e aos moradores do Bairro da Beira-Mar, pela colaboração e implementação das intervenções urbanas.

Aos meus amigos, pela compreensão da minha ausência e pela energia positiva que sempre me transmitiram.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	III
Índice de imagens	VI
Índice de Anexos	VII
Resumo	VIII
Abstract	X
1. Introdução	.11
2. Objectos conceituais	.14
2.1 Dimensões conceituais da Paisagem	.14
2.1.1 Paisagem urbana	.15
2.1.2 Percepção e apropriação da paisagem	.16
2.2 O espaço e as suas múltiplas dimensões	.17
2.2.2 Espaço e tempo	.19
2.3 Vazios urbanos - espaços que se esvaziam	.21
2.3.1 Classificação dos vazios urbanos	.23
2.4 Processos de revitalização e requalificação de vazios urbanos	.25
3. Procedimentos metodológicos	.26
3.1 Objecto de estudo	.26
3.1.1 Breve contextualização histórica	.28
3.2 Métodos e Técnicas	.30
3.2.1 Pesquisa bibliográfica e documental	.30
3.2.2 Levantamento de campo	.31
3.3 Mapeamento do vazio	.31
3.3.1 Representação e experimentação do espaço	.32
3.3.2 Encontro da vocação artística do espaço	.36
4. Investigação experimental - acções sobre os vazios urbanos	.39

4.1 A performance como activador da memória colectiva	.39
4.2 Apropriação de vazios urbanos	.43
4.2.1 Secret garden - intervenção de guerrilha	.43
4.3 Medidas projectuais	.46
4.3.1 Vazios sonoros	.48
4.3.2 Jardim flor de sal	.49
4.3.3 Jardins do vazio	.51
Conclusões	.53
Referências bibliográficas	.57
Anexos	.61

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1. Mapa da cidade de Aveiro com o limite da área de intervenção (bairro da Beira-Mar)	.27
Figura 2. Registo fotográfico de alguns dos “lugares em espera” do bairro da Beira-Mar, Aveiro	.28
Figura 3. Vista aérea das salinas de Aveiro (1977)	.29
Figura 4. Vista panorâmica da cidade de Aveiro em 1950	.29
Figura 5. Mapa da cartografia do bairro da Beira-Mar	.34
Figura 6. Cartografa individual	.35
Figura 7. Mapa final de experimentação do espaço	.35
Figura 8. Os espacialistas na mina	.36
Figura 9. Desenhos fotográficos do vazio #1	.39
Figura 10. Festa de São Gonçalinho	.40
Figura 11. Fragmentos na paisagem - carris da antiga via-férrea	.41
Figura 12. Ramal ferroviário do canal de São Roque (1930)	.41
Figura 13. Armazéns de sal e ramal ferroviário do canal de São Roque (1921)	.41
Figura 14. Registo fotográfico da performance 2,431km	.42
Figura 15. Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #1, praça Joaquim de Melo Freitas	.44
Figura 16. Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #2 Jardim do Rossio	.44
Figura 17. Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #3 Ponte de Carcavelos	.44
Figura 18. Recorte de jornal referente à intervenção “Secret garden”	.45
Figura 19. Mapa de localização e fotografias representativas dos Vazios urbanos do bairro da Beira-Mar	.46

Figura 20. Projecto "Jardin en mouvement" do Arq. Paisagista Gilles Clement	.47
Figura 21. Jardim vertical de Patrick Blanc	.47
Figura 22. Sala Urbana "Stadtlounge" da Artista Pipilotti Rist e do Arquitecto Carlos Martinez	.47
Figura 23. Fotomontagem ilustrativa da proposta "vazios sonoros"	.49
Figura 24. projecto "Buga garden", do arquitecto paisagista Rainer Landschaftsarchitekten	.50
Figura 25. Projecto "Wave field" da Arquitecta e Artista Maya Lin	.50
Figura 26: Fotomontagem ilustrativa da movimentação / experimentação das potencialidades do espaço	.51
Figura 27: Corte explicativo da proposta	.51
Figura 28: Fotomontagem ilustrativa da proposta projectual jardim do vazio	.52

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Guião para a entrevista sobre a performance 2,431km	.62
Anexo 2: Guião para a entrevista sobre a instalação "Secret garden"	.63
Anexo 3: Livro de projecto	

RESUMO

O projecto e o planeamento do espaço urbano, de um modo geral, voltam-se para um ideal de ocupação, visando a optimização dos espaços, dos recursos e das estruturas da cidade. Este objectivo nem sempre é materializado, havendo áreas de expansão lenta em oposição a locais de ocupação saturada e contínua. A desconexão entre o projecto, o planeamento e a realidade urbana, provoca a formação de espaços residuais e áreas vagas, os vazios urbanos.

Estes espaços são considerados como excedentes da urbanização, caracterizados pela perda de identidade enquanto parte da vida da cidade. Torna-se fundamental entendê-los no âmbito de uma análise que possibilite o estabelecimento de estratégias de intervenção, indicando normas que contribuam para a revitalização e requalificação destes espaços.

O objectivo desta pesquisa, consiste na análise das interferências dos vazios urbanos sobre a população e a cidade, em termos paisagísticos, da percepção e da memória.

Deste modo, a partir dos procedimentos metodológicos que confrontam os fundamentos teóricos (paisagem, paisagem urbana, percepção e apropriação da paisagem, espaço e tempo, vazios urbanos, processos de revitalização e requalificação) com a aplicação de levantamentos de campo, mapeamentos e actividades performativas, são abordados os efeitos dos vazios urbanos sobre a percepção e a memória da população que frequenta estas áreas, onde a presença destes elementos causa descontinuidades paisagísticas.

Neste contexto serviu a área central da cidade de Aveiro, Bairro da Beira-Mar, como caso de estudo, onde foi feita uma análise dos vazios existentes. Pelos resultados obtidos, conclui-se que a diferentes tratamentos espaciais, relativos aos vazios urbanos, correspondem diferentes reacções nos usuários, seja em relação à qualidade da paisagem e dos seus elementos naturais ou construídos, seja com referência à sensação de segurança transmitida.

Desta análise percebe-se a preferência da população por áreas abertas, amplas, lúdicas, bem como a possibilidade de recuperar a permanência /importância do sal naquele lugar.

Assim, com base no estudo de opinião da população, foram elaboradas três propostas projectuais para estes espaços, com a expectativa de poder vir a garantir um devir mais próximo do cidadão e, dessa forma, o seu melhor aproveitamento para a cidade e a sociedade.

Palavras-chave: vazios urbanos, processos de revitalização e requalificação, paisagem, população, percepção e memória.

ABSTRACT

The design and planning of urban spaces, in general, turn to an ideal of occupation in order to optimize the space, the resources and the structures of the city. This objective is not always materialized, as there are areas of slow growth opposing to places of continuous and saturated occupation. The disconnection between the design, planning and urban reality causes the formation of residual spaces and vacant areas, the urban voids.

These spaces are considered surplus of urbanization, characterized by loss of identity as part of city life. It is essential, to understand them as part of an analysis that enables the establishment of intervention strategies, indicating norms which contribute to the revitalization and redevelopment of these areas. The main objective of this research consists in the analysis of the interferences of urban voids on the population and the city, especially in terms of landscape, perception and memory.

Thus, from methodological procedures that confront the theoretical (landscape, urban landscape, perception and appropriation of the landscape, space and time, urban voids, processes of revitalization and requalification) with the implementation of field surveys, mapping, and performing activities, the article discusses the effects of urban voids on the perception and memory of people who attend these areas, where the presence of these elements cause landscape discontinuities.

In this context the central area of the city of Aveiro, Beira-Mar Neighbourhood, was used as a case study, where an analysis of existing voids was made. From the results, it appears that to different treatments of the voids correspond mixed reactions from the users, either in relation to the quality of the landscape and its natural or built elements, or with reference to the sense of transmitted security. From this analysis the preference of the population for open, vast and entertaining areas is clear, as well as the possibility to recover the still existing importance of salt in that place.

Thus, based on the study over the opinion of the population, three project measures have been elaborated for these spaces, with the aim to guarantee a better future to citizens and thus making better use for the city and society.

Key words: urban voids, processes of revitalization and requalification, landscape, population, perception, memory.

1. Introdução

O desenvolvimento do presente trabalho de investigação, consiste em analisar o significado dos vazios urbanos na cidade, os seus reflexos ao nível da população e da paisagem e apontar algumas medidas de revitalização e requalificação.

Os factores antrópicos produzem mudanças significativas sobre o ambiente urbano, com alterações nas condições sociais, culturais, económicas e ecológicas, que se reflectem directa ou indirectamente na paisagem das cidades.

Dessa maneira, a paisagem urbana é entendida, como uma importante componente da qualidade de vida da população, quando relacionada com a conservação do ambiente, pois torna-se o reflexo de vários tempos vividos de uma cidade. Partindo desta premissa, as condições paisagísticas urbanas podem estabelecer indicadores de uma situação, se esta for analisada pelo seu carácter de síntese dos factores de uma determinada porção do espaço, normalmente em contínua mutação.

Esta mudança, enquanto ambiente, função e uso, dá origem a uma tipologia de espaços comuns às cidades contemporâneas, os vazios urbanos. Estes, geralmente provenientes de um processo de planeamento que não respondem completamente às questões relativas à ocupação destes lugares, considerados espaços residuais, remanescentes urbanos ou áreas ociosas. São locais muitas vezes interpretados como “sobras” dentro da malha das cidades. Estes espaços são em geral decorrentes da desarticulação espacial de traçados urbanos, fruto do declínio industrial e da especulação imobiliária, configurando-se como áreas degradadas, perdendo assim, a sua identidade enquanto parte da vida da cidade e da sua paisagem.

Torna-se, desta forma, primordial entender este esvaziamento de áreas urbanas não somente como reflexo na paisagem das cidades, mas como espaços gerados a partir de um sistema urbano complexo, que pode englobar variáveis naturais e culturais.

Constituem locais importantes aquando da aplicação de recursos para a melhoria da qualidade de vida, pois podem representar potenciais urbanos, enquanto novos desafios na cidade.

Procura-se assim, um melhor entendimento sobre estes espaços, para que não permaneçam no esquecimento e abandono, pois só depois de os conhecermos em todos os seus aspectos, se podem encontrar medidas ao nível da melhoria das suas condições.

É necessário identificar e entender estes espaços, enquanto pré – existências urbanas, dada a urgência de intervenção directa para os requalificar e revitalizar.

A presente investigação, aborda como temática principal os vazios urbanos, e como sub-tema específico os efeitos da existência destes espaços na cidade e medidas de revitalização e requalificação a serem aplicadas. Como objecto de estudo, foram focalizadas as áreas vagas da cidade de Aveiro, mais concretamente o Bairro da Beira-Mar.

O **problema** central desta investigação é então descrito na seguinte questão:

Qual a influência dos espaços vazios, integrados na paisagem urbana, ao nível da percepção e memória dos cidadãos?

A partir deste problema, pode-se formular a seguinte **hipótese**: a existência dos vazios causa sensações novas, surpreende o usuário do espaço urbano, uma vez que estas áreas são resultantes de uma paisagem diferente da existente inicialmente. Deste modo, estes vazios, constituem discontinuidades visuais, ocupacionais e de uso, que devem ser devidamente tratadas.

Considerando-se tais factores, bem como a hipótese e o problema delineadores da pesquisa, o objectivo geral do estudo consiste em analisar as interferências originadas a partir da existência dos vazios urbanos sobre a população e a área em estudo, especialmente em termos paisagísticos da percepção e da memória dos usuários destas áreas, fornecendo propostas para implementação na cidade.

De modo a atingir este objectivo geral, foram definidos os seguintes objectivos específicos:

- 1) Estabelecer um referencial teórico para a definição de vazios urbanos;

- 2) Analisar a paisagem dos vazios urbanos e da sua envolvente, em termos paisagísticos, perceptuais e da memória;
- 3) Verificar, por meio de uma análise perceptual e performativa, os diversos efeitos causados pelo tratamento formal e programático pela paisagem destes locais nos seus usuários e na cidade, e elaborar propostas projectuais para a sua revitalização e requalificação.

A partir dos objectivos traçados, desenvolve-se uma análise reflexiva sobre os vazios urbanos, estudando o caso do Bairro da Beira-Mar, para o estabelecimento de directrizes aplicáveis em outras situações. Procura-se então, a compreensão da percepção da população acerca das áreas vagas como auxílio para medidas de requalificação e revitalização destas zonas, onde se consideram os vazios urbanos como áreas com condicionantes, potencialidades e falhas, passíveis de tratamento a favor de benefícios tanto da paisagem da cidade como da vida em sociedade.

2. Objectos conceituais

2.1 Dimensões conceituais da paisagem

A paisagem, num primeiro momento e ao nível da percepção individual pode ser, de maneira bastante simplificada, associada a uma série de sensações e recordações, normalmente de algo agradável.

Existem inúmeras definições do termo paisagem, que expressam diversos pontos de vista sobre este conceito.

Segundo ESCRIBANO et al...(1989), a paisagem é um produto do homem e assim qualificada pela história. As suas qualidades são conferidas pela actividade transformadora dos homens organizados em sociedade. As circunstâncias económicas, políticas e culturais que envolvem essa actividade humana transferem-se para a paisagem. Nesse percurso de produção de espaço geográfico, a natureza original e a herança da actividade das gerações anteriores funcionam como suporte, limitação objectiva e recurso para a geração presente.

Ao longo da história, a palavra paisagem tem sido empregue com finalidades distintas (JELLICOE & JELLICOE, 1995).

O termo paisagem significava, para muitos autores, espaço e ordenamento de uma região, compreendendo questões de cunho social e geográfico. Com o passar dos anos, a paisagem foi assumindo interpretações artísticas pelos pintores de paisagens e significados estéticos pelos arquitectos paisagistas (TURNER, 1983).

São inúmeros os profissionais de diferentes campos de actuação que utilizam o termo, segundo critérios e pontos de vista específicos das suas áreas, uma vez que as formas de interpretação são as mais variadas.

Num conceito bastante amplo, paisagem é a expressão morfológica das diferentes fases de ocupação, caracterizando-se pela transformação do ambiente no tempo.

Está associada a uma visão de percepção humana, sob uma óptica social, que representa um ambiente, parcial ou totalmente (TURNER, 1983).

A interpretação e a leitura de uma paisagem acontece dentro de uma escala e segundo um observador, por isso pode ser considerada uma estrutura finita, com um limite físico, dentro de um campo visual ou de análise. Para o observador, uma paisagem sucederá sempre a outra (TURNER, 1983).

Por conseguinte, nesta investigação, a paisagem será considerada como resultado de uma acção humana do espaço, enquanto construção histórica, carregada de significados, memória, revelando múltiplas impressões passadas.

2.1.1 Paisagem urbana

Segundo FORMAN & GODRON (1986) as paisagens podem ser submetidas a inúmeras classificações, podem ser naturais, cultivadas, sub-urbanas e urbanas.

A paisagem urbana é interpretada como o resultado visual de um conjunto de formas e volumes geometrizados, possuindo maior proporção de áreas impermeáveis (CULLEN, 2008). Compreende-se, assim, que paisagem urbana é o “suporte físico ambiental do complexo sistema de organização social, onde se relacionam tanto valores materiais como imateriais decorrentes do processo de acumulação e transmissão cultural” (SARAIVA, 2005, pág. 153).

O termo urbano não diz respeito apenas à configuração espacial da cidade, mas também ao sistema de relações ambientais, sociais e comportamentais que nela se processam.

A paisagem urbana envolve formas espaciais e práticas culturais, podendo ser considerada como um meio dinâmico que exerce influência sobre a história e é moldada pela acção humana.

Assim, a paisagem urbana é entendida como uma importante componente da qualidade de vida dos cidadãos, sendo uma acumulação do seu trabalho, incluindo valores e símbolos que se imaterializam sobre o espaço.

2.1.2 Percepção e apropriação da paisagem

A percepção processa-se quando o organismo reconhece objectos e as alterações que ocorrem à sua volta. Por meio da percepção o cidadão apropria-se de elementos que acabam por se tornar referenciais que marcam a história do lugar e da cidade. Esta é entendida como a acção mental de permuta do indivíduo com a paisagem, envolvendo mecanismos sensoriais e cognitivos (MAGALHÃES, 2001). Nos mecanismos sensitivos, as sensações são estimuladas pelo ambiente externo. Contudo, as pessoas não recebem estas sensações de um modo passivo, pois existem motivações, interesses, conhecimento prévios, memórias e valores, ou seja, filtros culturais e individuais que fazem parte dos mecanismos cognitivos. A percepção, embora sendo subjectiva, possui recorrências comuns. Desta maneira, pode-se utilizar mecanismos de percepção ambiental que, integrados numa análise mais abrangente sobre determinada realidade, contribuam para dirigir acções de gestão urbana.

A percepção da paisagem dá-se através de um processo que envolve o espaço visual, estimulação sensitiva, análise e interpretação, resultando numa avaliação e ocasionalmente em intervenções na paisagem. A observação da paisagem permite a leitura e interpretação de uma situação específica, desvendando a história do lugar, na sua dimensão visível.

De modo a entender a paisagem de uma forma mais completa pode-se realizar o reconhecimento dos elementos que a compõem numa abordagem sistémica. Nesta abordagem todos os elementos interagem numa rede de relações divididas em componentes ambientais e estéticas.

As componentes ambientais são estruturadas segundo os sistemas naturais e culturais, formando o ecossistema relacionado com a cidade e o lugar.

As componentes estéticas estruturam-se em elementos visuais (linha, cor, forma e textura) e em questões de composição da paisagem (contraste, unidade e variedade) (MAGALHÃES, 2001). Agregado a estes conceitos importa referir o trabalho de LYNCH (1999), que sistematiza e torna científica a interpretação dos elementos da imagem da cidade (vias, limites, bairros), o que a princípio, era empírico e subjectivo.

Vários são os elementos que envolvem a percepção da paisagem urbana. Assim, autores como SARAIVA (2005) estabelecem distinções entre percepções ambientais visuais e informativas.

A percepção ambiental visual trata da imagem urbana, por meio de elementos tais como cores, formas, volumes, limites, sendo facilmente identificáveis. A percepção ambiental informativa é mais subjectiva uma vez que carrega signos e é processada por uma consciência reflexiva.

Sintetizando, a percepção e apropriação da paisagem, ocupam-se do levantamento, observação, associação e interpretação de marcas, sinais impressos no quotidiano dos lugares.

2.2 O espaço e as suas múltiplas dimensões

O espaço é um aspecto estrutural da cidade e a sua formação constitui uma construção permanente, realizada por meio de sucessivas apreensões de lugares (KOHLSDORF, 1996)

Considerando-se que SARAIVA (2005) afirma que a cidade é formada pelo “pluriespaço”, e dentro dela criam-se diversos espaços, pode-se dizer, então, que o espaço é a base da vida urbana não sendo considerado como um objecto único determinado, mas como uma construção social.

Deste modo, diversos fundamentos são levantados e discutidos nos mais variados campos do conhecimento, possuindo várias abordagens teóricas e assumindo diversas classificações.

Para LEFEBVRE (1991), pode-se pensar o espaço em três concepções: como um espaço físico ou percebido, (composto pelos elementos concretos presentes na cidade); como um espaço mental ou concebido (fruto da percepção e de imagens mentais do primeiro) e um espaço social ou vivido (formado por representações e signos que englobam os dois anteriores, baseando-se em acções do indivíduo sobre o espaço).

Para esta pesquisa, irá considerar-se sobretudo o espaço vivido, pois as pessoas absorvem as transformações sócio-espaciais, contribuindo para a alteração do ambiente físico, a partir de mudanças no espaço mental.

Segundo CÔRREA (1989), o espaço urbano, enquanto local de vivência, é ao mesmo tempo fragmentado e articulado, pois apesar dos diferentes usos que caracterizam a sua fragmentação, cada uma das partes mantém relações espaciais com as demais.

Complementando este conceito pode-se afirmar que o espaço urbano é a expressão espacial dos processos sociais, ou seja, é o reflexo da sociedade, tanto das acções que se realizam no presente como daquelas realizadas no passado e que deixaram os seus rastros as suas marcas, assumindo, assim, uma dimensão simbólica e de forte relação temporal.

São muitas as abordagens a respeito de temas que envolvem a questão espacial, contudo, actualmente, vários autores concordam que uma das definições mais abrangentes é a de SANTOS (1997), onde o espaço é composto pela relação entre o sistema de objectos, ou seja, elementos a que se atribuem características, chamados fixos, e o sistema de acções, chamados fluxos, considerando-se que estes constituem as acções e informações humanas. Os elementos são apreendidos pelo homem através de filtros biológicos e culturais. Segundo SANTOS (1997, pág.60) “o espaço não é, portanto, algo puro ou absoluto, mas sim construído”.

Este propõe ainda outros dois termos espaciais: lugar e território. Assim conjuga espaço, lugar e território para o aprofundamento da discussão sobre fenómenos que envolvam o espaço.

O termo lugar constitui uma porção do espaço que ganhou significado pelos valores que reflectem a cultura de uma pessoa ou grupo (SANTOS, 1997). Todavia, o espaço só ganha significado pelo uso, ou seja, a construção dos lugares faz-se no aprender e reconhecer determinados espaços, na medida em que o lugar é o espaço da vida. Esta referência ao lugar possibilita a recuperação de raízes e valores colectivos (SARAIVA, 2005).

Segundo SARAIVA (2005, pág.183) “ (...) o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alternância, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida conferindo-lhe sentido”.

Assim, tal como o lugar, também o território é uma porção de espaço identitário. Contudo, neste caso, existe uma medida cultural imposta ao espaço, ou seja, no território existe um sistema de valores (forma de domínio ou gestão) que determina a dinâmica dos objectos e acções.

A partir dos conceitos de espaço, lugar e território, SANTOS (1997) afirma que a análise dos termos não deve ser eliminatória, mas que as diferenças são vividas simultaneamente.

2.2.1 Espaço e tempo

O tempo afecta a maneira como se vivencia a experiência do espaço. Assim, a noção de espaço é inseparável do sistema de tempo. Hoje, as relações alteram-se, a sociedade enfrenta a compressão do tempo e do espaço em praticamente todos os domínios da actividade humana. Assim surgem termos como espaço de fluxos e espaço amnésico.

Segundo CASTELLS (2006, pág. 501) as mudanças nas relações das pessoas com os objectos dão um novo sentido aos espaços urbanos, surgindo um novo conceito, o “espaço de fluxos”, caracterizando-o como a “(...) a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos”.

Segundo este autor o espaço dos lugares tem sido substituído pelo espaço de fluxos. A sociedade está constituída em torno de fluxos, de informação, de tecnologia, símbolos, imagens e sons. Constata-se, então, que os fluxos de informação (as novas formas que os pessoas utilizam para comunicar e socializar) alteram os espaços/cidade uma vez que permitem utilizar os mesmos espaços para comunicar e socializar.

Dando continuidade à anterior linha de pensamento, CARLOS (2004) revela a construção de um “espaço amnésico”, onde o tempo é cada vez mais efémero, marcado pela momentaniedade, numa nova relação espaço-tempo. Ou seja, um enfraquecimento da memória gravada no espaço pela perda dos referenciais urbanos, onde as mudanças muito rápidas se revelam na morfologia das cidades.

Desta maneira, os atributos de espaço e tempo são elementos essenciais das experiências humanas, desde as mais comuns às mais elaboradas.

Segundo diversos autores, o tempo regista nas cidades marcas, resultado de vários tempos solidificados em lugares, monumentos e construções, assumindo um carácter cumulativo.

Segundo CASTELLS (2006) o espaço é a expressão da sociedade e, portanto, está em constante alteração, reflectindo-se em novas formas e processos espaciais.

O espaço é um produto material, no qual as pessoas se envolvem em relações sociais. Constata-se assim, a não separação do tempo, espaço e acção social, sintetizando-se que o “ espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado” (CASTELLS, 2006, pág. 500).

O tempo e o espaço sempre moveram a humanidade. Foi o que aconteceu aquando do surgimento dos caminhos-de-ferro, do automóvel, do telefone do rádio, da televisão, que ao comporem redes técnicas de circulação e comunicação possibilitaram conexões territoriais, dissolvendo os obstáculos físicos para a circulação de bens, de pessoas, de opiniões, entre outras. Contudo, nunca uma inovação cumpriu tanto o espaço e o tempo com o fim de revelar o processo de integração, como as novas tecnologias de informação.

Cada vez mais o indivíduo é dominado pelas várias temporalidades que tem de vivenciar. As relações do homem com o tempo e espaço alteram-se. As novas tecnologias da informação possibilitaram ligar as várias esferas da vida, especialmente o trabalho e o lazer. Estes espaços e tempos, antes tão delimitados, hoje, muitas vezes, não se sabe quando começa um e termina o outro. Esta mudança na organização do tempo e do espaço de trabalho, leva a uma reconfiguração do seu sentido no modelo do industrialismo. Antes da massificação das novas tecnologias de informação, o trabalho era realizado num determinado espaço, num tempo destinado às actividades de produção. O lazer e as lides domésticas eram vivenciadas noutros espaços e momentos. Pode-se dizer que a revolução industrial forçou a separação entre a casa e o local de trabalho e, hoje, a revolução digital está a uni-los novamente.

2.3 Vazios urbanos - espaços que se esvaziam

O tema vazio urbano pode ser interpretado sob diversos modos, possuindo, ao mesmo tempo, conotações positivas e negativas, dependendo, sobretudo, da abordagem e da situação temporal e regional em que o conceito é elaborado. Diversas são também as expressões utilizadas para a definição do mesmo objecto, as áreas vagas ou vazios urbanos, expressões estas que influenciam fortemente a visão que se tem dos espaços estudados.

Há definições abrangentes, que englobam vários tipos de espaço nas cidades, como a adoptada por CLAWSON (1992), que utiliza a expressão *espacio abierto* para definir toda a área geográfica, seja uma porção de terra ou de água, que se situe dentro de uma concentração urbana ou próximo dela e que não esteja coberta por edifícios ou qualquer outra estrutura permanente. Desta maneira, neste conceito podem ser incluídos locais como lagos, bem como áreas de construção temporárias, que, apesar de serem desocupadas fisicamente, possuem utilizações para a cidade.

Sob a mesma óptica LABASSE (1971) identifica estes espaços através da expressão francesa *friches urbaines* as áreas livres e abandonadas na cidade e na sua periferia, que não foram cultivadas ou construídas, e onde podem haver ruínas de edifícios ou instalações efémeras. RUFINO (2005) afirma que os vazios urbanos são elementos que, juntamente com outros, colaboram com a degradação das áreas centrais dos grandes centros urbanos.

Os conceitos anteriores podem dar margem a interpretações negativas, uma vez que remetem à ausência de algo em oposição à presença de construções, o que nem sempre é um facto urbano importante.

Por outro lado, há autores que não entendem o vazio urbano como algo problemático para a cidade. CLICHEVSKY (1998) afirma que os vazios urbanos são áreas resultantes de dinâmicas da cidade, como o funcionamento do mercado imobiliário e que possuem propriedades capazes de influenciar significativamente a forma e direcção do crescimento urbano.

MORALES (1995), quando foca o fenómeno dos vazios refere-os como:

“...uma área sem limites claros, sem uso actual, vaga, de difícil compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro” (MORALES, 1995, pág. 120)

Da mesma maneira, FIALOVÀ (1996) utiliza o termo francês *terrain vague* para designar áreas vagas sem limites bem definidos e que, pela sua presença e pela sua história, possuem um papel relevante na memória da população, tornando-se até mesmo importantes referenciais urbanos.

A autora cita casos, como o de cidades europeias de pós-guerra, em que esses vazios são vistos como possibilidades futuras, ou seja áreas de reserva fundiária que trazem a renovação urbana.

KOOLHAAS (2001, pág.29), identifica os vazios urbanos como “o grande potencial metropolitano da Europa” sobre os quais pode recair a intervenção do planeamento actual, uma vez que “são mais fáceis de controlar do que o edificado” já existente.

Portanto, é possível considerar os vazios urbanos tanto como locais remanescentes do crescimento da cidade como áreas com potencialidade de mudanças, com importante papel na futura organização espacial urbana.

2.3.1 Classificação dos vazios urbanos

Tendo como base os conceitos anteriormente abordados, identificaremos as diferentes tipologias de vazios urbanos.

Os **vazios físicos** compreendem os terrenos onde não existem edificações ou equipamentos urbanos, como ruas, calçadas entre outras. São terrenos públicos ou particulares que não apresentam vestígios de ocupação anterior, tão pouco indícios de utilização num futuro próximo. Já os **vazios remanescentes** são as áreas também sem ocupação física, mas que permanecem vazios devido a implantação de estruturas urbanas, como vias e caminhos de ferro, ou devido a restrições da legislação urbanística para a sua ocupação plena, o que desmotiva os prioritários a investir no local, não apresentando também vestígios de ocupação anterior.

Os **vazios de uso** são espaços edificados, porém sem uso ou ocupação populacional. São formados por edifícios abandonados, fechados e inacabados, que anteriormente possuíam utilização, mas que actualmente se encontram vagos.

Por fim, os **vazios de significado** são locais que possuíam representatividade urbana, mas que perderam esta característica devido ao seu abandono, correspondendo a áreas remanescentes de antigas estruturas e a edifícios em ruínas.

Considera-se também importante destacar os **vazios simbólicos**, que englobam edificações que já representaram importantes marcos para a cidade, mas que actualmente se encontram abandonadas, enquadrando-se, portanto, tanto em vazios de uso como de significado.

Pela análise dos conceitos anteriormente apresentados, percebe-se que o vazio urbano é passível de compreensão sob duas perspectivas distintas: como preexistência ou como pós existência urbana. Pós existência urbana no sentido em que é derivado, muitas vezes, de actividades que já não existem, especialmente no caso dos vazios de uso e de significado. De preexistência urbana quando precede à presença de algo no local, como no caso dos vazios físicos e remanescentes, constituindo locais de potencial uso futuro.

Independentemente da visão que se adopte em relação aos vazios urbanos, é um facto que estes locais exercem influência sobre a cidade e são simultaneamente por ela influenciados. Muitas vezes, não é possível afirmar a causa exacta da existência de uma área vaga, pois muitas delas não surgem, mas são configuradas pela forma de ocupação da sua envolvente. Da mesma maneira, os efeitos destas áreas podem ser apenas estimados, e não mensurados com exactidão, pois são influenciados pela cidade como um todo.

Assim pode-se ressaltar algumas das causas e consequências (positivas e negativas) dos vazios urbanos sobre a cidade.

As causas surgem geralmente associadas a situações de impedimentos físicos, ambientais ou legislativos restritivos à ocupação, a dinâmicas urbanas determinantes do esvaziamento populacional, barreiras culturais e apropriação de área pela população, desarticulação urbana ou falta de planeamento, especulação imobiliária, entre outras. Como efeito destas situações surgem consequências negativas (a degradação da paisagem, a percepção de abandono do local pelos seus proprietários) e positivas (melhoria do conforto ambiental no caso de existência de vegetação, amenização e variabilidade da paisagem, no caso da existência de áreas verdes). Analisando os possíveis agentes e alguns efeitos dos vazios nas cidades e na sua população, pode-se afirmar que estes espaços, além de representarem desconexões entre a cidade planeada e a concretizada causam reflexos tanto na percepção dos usuários quanto no desenho urbano.

2.4 Processos de revitalização e requalificação de vazios urbanos

A partir dos objectos conceituais tratados anteriormente, podem ser levantadas algumas ideias por eles transmitidas no contexto dos vazios urbanos e da sua inserção na cidade, em especial referentes aos processos que podem ser desencadeados sobre estes objectos. Neste item abordam-se a revitalização e requalificação estando estes associados ao tratamento destes espaços.

A palavra **revitalização** é constantemente empregue, muitas vezes sem grande propriedade. SARAIVA (2005) afirma que o termo significa dar nova vida, sobretudo por meio da memória colectiva, ou seja, fazer com que a população volte a identificar o local pela sua história passada pela sua situação presente, valorizando os atributos de uma área, sem desprezar as características anteriores, bem como as expectativas populacionais sobre o local. Pelos conceitos abordados, fica marcada a importância da revitalização dos espaços urbanos, uma vez que a cidade é um organismo vivo e dinâmico (BAUDRY & PAQUOT, 2003), onde os territórios sofrem mudanças constantes de paisagem e ocupação.

Neste sentido, surge também a questão da requalificação urbana que engloba processos de gestão territorial que alteram uma área, sob o objectivo de lhe conferirem novas funções.

SANTOS (1997) afirma que a **requalificação** é um conceito bastante amplo, pois compreende diversos tipos de acções renovadoras das áreas, por meio da incorporação de novas funções e usos.

De forma mais abrangente, pode-se dizer que estes conceitos, são voltados para acções de recuperação urbana, com o objectivo de transformar espaços e lugares em territórios, visando a produção, ou retoma, da identidade do local e, assim, incorporar a área ao tecido urbano e à dinâmica social.

3. Procedimentos metodológicos

O presente capítulo apresenta os métodos e técnicas utilizados para a elaboração das pesquisas, tanto bibliográfica como de campo preliminar e definitiva.

Ao definir as técnicas e métodos utilizados, considerou-se, sobretudo, a complexidade do assunto, bem como a variabilidade existente entre as diferentes áreas vagas.

Desta forma, optou-se pelo estudo de caso, visando o aprofundamento do assunto e o seu relacionamento com a realidade urbana de modo a detalhar os métodos seleccionados. Foi necessário considerar o objectivo geral deste trabalho, ou seja, analisar as interferências originadas a partir da existência dos vazios urbanos sobre a cidade e a população, em termos de paisagem, percepção e memória.

Assim, a pesquisa será feita com base na experimentação do espaço, visando uma maior familiaridade com o problema, com o intuito de aperfeiçoamento de ideias, envolvendo pesquisa bibliográfica, entrevistas, e estudo de caso.

3.1 Objecto de estudo

Escolheu-se como objecto de estudo para este trabalho, o centro histórico de Aveiro, devido à sua história e ocupação precursora na formação do espaço urbano da cidade.

Mais especificamente este trabalho visará apenas uma porção territorial, bairro da Beira-Mar, que compreende o centro histórico da cidade (figura1).



Figura 1: Mapa da cidade de Aveiro com o limite da área de intervenção (bairro da Beira-Mar)

Fonte: http://www.cmaveiro.pt/www/Template/framesig.aspx?id_class=1424&divName=1379s151s1424&url=http://sig.cm-aveiro.pt/portalsigv3/default.aspx, 2011

Este bairro está indiscutivelmente associado à Ria e à exploração do sal, sendo que estes desempenharam uma enorme importância na sua história economia e paisagem. “Aveiro adoptou, graças a condições naturais ímpares, a Ria como fonte de riqueza e sobrevivência dos seus habitantes. Assim percebe-se a importância ancestral das marinhas de Aveiro” (AMORIM, 2001, pág. 11).

Tendo como base, o contexto e espaço anteriormente descritos, foram analisados vários vazios urbanos “lugares em espera” (figura2) que estão directamente associados à exploração do sal e às vivências e memórias dos seus habitantes. Os mesmos, estão abandonados desde que a exploração do sal começou a diminuir.



Figura 2: Registo fotográfico de alguns dos “lugares em espera” do bairro da Beira-Mar, Aveiro

Fonte: Maria João Tavares, 2011

No caso em estudo “Bairro da Beira-Mar” verifica-se um fenómeno de ruptura urbana, associado a uma nova realidade (final da exploração do sal), a processos de marginalização, degradação, decadência física, económica e social. Surge, assim, um conjunto de problemas, que permanece sem solução e que se agravam com o tempo.

3.1.1 Breve contextualização histórica

O primeiro registo conhecido sobre o sal em Aveiro data de 959 e refere-se a uma doação feita pela Condessa Mumadona, de terras e marinhas de sal situadas em Aveiro, ao mosteiro de São Salvador de Guimarães.

Já no século XIII D. Urraca doou a produção do sal de Aveiro ao mosteiro de São João de Tarouca. (AMORIM, 2001).

No reinado de D. Afonso IV o sal de Aveiro assume um papel importante na economia nacional, existindo cerca de 500 salinas (MADAHIL, 1959).

O sal é, então, exportado para países europeus e também serve de “moeda” para pagar as dívidas do país bem como empreendimentos nacionais.

No entanto, durante os séculos XVII e XVIII, toda a produção de sal decaiu devido aos problemas da barra e à estagnação das águas da laguna. (AMORIM, 2005).

No século XIX a indústria do sal iniciou a sua recuperação, restabelecendo-se até meados do século XX, com as obras hidráulicas, existindo em 1970 cerca de 270 marinhas em actividade, que produziam aproximadamente 60.000 toneladas anuais, distribuídas pelos montes brancos, que durante o mês de Agosto se espalhavam pela ria de Aveiro (figura 3 e 4). (AMORIM, 2005).



Figura 3: Vista aérea das salinas de Aveiro (1977)

Fonte: O plano do Vouga. Aveiro e o seu Distrito -. Aveiro, n.º 23/25, 1977



Figura 4: Vista panorâmica da cidade de Aveiro em 1950

Fonte: Postal da colecção de João Augusto Simões Rocha, Aveiro, 1950

A partir de então, e devido à conjugação de factores de natureza diferenciados, tem-se assistido ao declínio do número de marinhas activas com a produção de sal e com o conseqüente abandono das mesmas.

De facto, o declínio da actividade salícola não foi acompanhado pela emergência de outras actividades que permitissem a manutenção efectiva das marinhas.

Actualmente apenas três marinhas se encontram em plena laboração, sendo que uma delas é um eco-museu.

3.2 Métodos e técnicas

A adopção do estudo de caso, que foi considerada a mais adequada para esta pesquisa, permitiu obter a informação mais detalhada sobre um único objecto e maior conhecimento do assunto, possibilitando a compreensão do caso em todas as suas características, o que pode servir de base para estudos futuros sobre o mesmo tema.

Visando aproximar a teoria da realidade urbana, a partir da revisão bibliográfica acerca do tema e assuntos relacionados e tomando-se como base um estudo específico na forma de levantamento de dados em campo na área de estudo, foi delineada uma pesquisa ao nível da percepção. Esta foi elaborada, com recurso à performance, intervenções de guerrilha e apropriações artísticas dos espaços, acompanhadas por entrevistas à população local, a fim de analisar as condições perceptuais da população sobre estas intervenções, na área em estudo.

A pesquisa bibliográfica, foi baseada na definição de objectivos específicos do trabalho, a partir dos quais foram delimitados os conceitos mais relevantes à compreensão do(s) objecto(s) de estudo.

3.2.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica foi realizada com base nos objectivos delineados para este estudo, tomando-se como base uma diversidade de conceitos que reflectissem diferentes épocas e lugares.

Para uma melhor estruturação desta pesquisa, bem como do seu referencial teórico, foram denominados os objectos conceituais mais simplificados, elementos a partir dos quais se tem uma compreensão mais abrangente do contexto e objecto da investigação. Seguidamente foi abordado o tema principal dos vazios urbanos.

Assim, procura-se, pelos elementos analisados no referencial teórico, contribuir para o alcance dos objectivos propostos pelo trabalho, bem como fornecer fundamentos que permitam a adequada interpretação dos elementos de percepção deste estudo.

3.2.2 Levantamento de campo

A escolha da área de estudo foi baseada, na evolução da ocupação urbana da cidade de Aveiro. Esta porção central do território, embora englobe diferentes tipos de paisagem, possui um histórico de ocupação consolidada, pois as suas primeiras edificações datam da fundação do município. Embora tenha sofrido diversas transformações, tanto de uso como de ocupação do solo ao longo dos anos, a região ainda conserva, mesmo que discretamente, traços da sua primeira ocupação, nem sempre adequadamente preservados.

A paisagem na área de estudo, varia conforme mudam os parâmetros de uso e ocupação do solo, os quais podem ser considerados representativos de toda a cidade, por englobarem diversas particularidades urbanas. Embora o conjunto da ocupação da região seja antigo e consolidado, ainda existem alguns vazios urbanos representativos.

Esta investigação tem como objectivo avaliar a qualidade da paisagem das áreas vagas, ao nível da percepção da sua população. Para tal, recorreu-se às derivas situacionistas, a métodos de guerrilha, à performance e a apropriações experimentais dos espaços.

3.3 Mapeamento do vazio

Com o mapeamento do vazio, pretende-se apresentar algumas reflexões e estudos acerca da experiência humana na cidade e do papel da comunicação na constituição desta experiência.

As propostas de mapeamento afastam-se da concepção de comunicação como mera circulação ou exposição de conteúdos.

Considera-se aqui a comunicação como um processo de troca simbólica que pressupõe uma interlocução, que se concretiza através de mapas, sons, escrita, gestos e imagens.

O ponto de partida foi pensar o que seriam as características da experiência humana no espaço urbano e, a partir delas, elaborar diferentes tipos de intervenções.

3.3.1 Representação e experimentação do espaço

As reflexões feitas sobre a experimentação e representação do espaço recaíram sobre as ideias do Internacional Situacionista (1957-1972), movimento de intelectuais e artistas europeus que se constituiu em torno de uma crítica radical ao urbanismo e à cidade contemporânea, transformada em espectáculo e à passividade dos cidadãos reduzidos à condição de espectadores.

Os situacionistas faziam a reivindicação da transformação do quotidiano urbano através da participação e intervenção dos seus habitantes (ANDREOTTI & COSTA, 1996a)

O interesse pela abordagem situacionista da cidade e as questões levantadas por eles, levou-nos a ver na psicogeografia e nas derivas uma forma interessante de explorar o quotidiano da área de intervenção e construir um conhecimento crítico sobre os usos dos vazios urbanos.

O apoio na metodologia das derivas situacionistas foi uma estratégia de abordagem da cidade, que permitiu perceber a diversidade dos usos do tempo e do espaço, as mutações contínuas, as disputas, os jogos de significações que se misturam, se sobrepõem continuamente no espaço urbano. (ANDREOTTI & COSTA, 1996b). Significou, sobretudo, reler a cidade a partir de um posicionamento crítico que possibilitou “estranhar” as formas e os usos normalizados e ver para além destes, as múltiplas possibilidades de apropriação e criação de novos usos e convívios. Este estranhamento permitiu uma imersão no quotidiano e, ao mesmo tempo, possibilitou uma atitude de distanciamento para que o olhar não capturasse, por natural, aquilo que é banal e que visse o que está imperceptível no espaço.

Assim, tendo como base a construção de mapas pelos situacionistas, a partir das derivas, que se constituíam em narrativas da experimentação do espaço, traçou-se como objectivo a construção de mapas de percepção dos lugares. Estes mapas têm como finalidade representar as múltiplas possibilidades de apropriação do espaço, elaboradas a partir das experiências subjectivas daqueles que caminham pela cidade.

Estas operações de produção de sentido aconteceram na cidade a partir das interacções comunicativas que as pessoas promovem entre si e com os objectos e edificações urbanas.

Ao agir sobre o espaço os participantes estabelecem uma relação de significação, que resulta na produção de sentidos sobre o mesmo. Na rua esta relação é vivida colectivamente. A produção de sentido não constrói uma imagem única que representa o lugar ou a cidade. A experiência da cidade é vivida pelos indivíduos, mas o seu sentido colectivo ultrapassa a dimensão individual. “A cidade excede a representação que cada pessoa faz dela. Tanto a presenteia como se retrai, segundo a maneira como é apreendida” (Jeudy, 2005, pág.81).

Nas interacções pelas ruas, os significados produzidos pelos diversos sujeitos são colocados em jogo, misturam-se e circulam num determinado lugar, por isso não se produz uma representação única da cidade. Ao agir sobre o espaço, compartilhando ou disputando com os outros, os sujeitos entram no jogo social, posicionam-se. A cidade é sentida, vista falada, posta em circulação nestas acções.

O mapeamento da área em estudo, construiu-se com um conhecimento do espaço, que teve como objectivo colocar em relevo as experiências e percepções de um determinado ponto de vista que é o de quem caminha, pára e prossegue pelas ruas da cidade.

Este mapeamento consistiu na participação de habitantes e voluntários que percorrem trajectórias pelo espaço urbano. Através destas trajectórias, as pessoas moveram-se pela cidade descobrindo sons, imagens, fragmentos e vegetação.

Nesta intervenção a colaboração deu-se pela experimentação do urbano, funcionando quase como uma performance aberta para o público a protagonizar. Aqui o importante é a mobilidade, o deslocamento, o acaso.

Esta experimentação do espaço em colaboração com os percursos feitos pelos participantes gerou um mapa.

Para tal durante 1 dia (tendo como ponto de partida o Canal de São Roque e como limite o Bairro da Beira-Mar), vários habitantes e voluntários foram convidados a sair à deriva pela cidade, experimentando e fazendo anotações do seu percurso. As anotações foram feitas em mapas fotocopiados em papel A3 (figura 5), onde os participantes desenharam os seus percursos e fizeram as suas anotações.

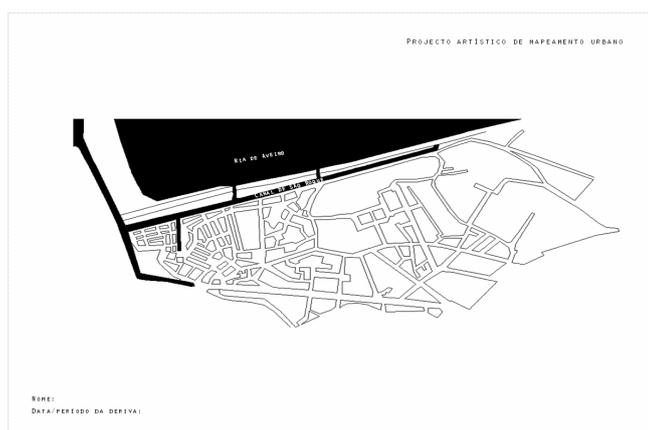


Figura 5: Mapa da cartografia do bairro da Beira-Mar
Fonte: Maria João Tavares, 2011

O objectivo desta prática foi percorrer o espaço urbano com a finalidade de criar uma visualização e algumas anotações dos dados destes percursos (figura 6).

Durante o processo de caminhar verificou-se que este não se dá em fluxo contínuo ou seja esta caminhada é irregular e inclui várias paragens. Os sujeitos dividem um espaço repleto de objectos, edifícios e signos.

Durante este percurso muitas vezes cruzaram-se com outros, desviaram-se, absorveram diversas sensações, o olhar foi capturado por algo (edifícios, elementos vegetais, barcos moliceiros nos seus trajectos turísticos, animais) o corpo descansou, parou (zonas de sombra e de conforto, jardim do Rossio), foram solicitados por sons (gaivotas, música, tráfego urbano), cheiros (maresia, peixe no mercado), imagens (salinas, vazio, ruína) e texturas (superfícies fragmentadas e descontínuas). Os percursos observados, quase sempre, encerraram esta tensão entre o fluxo quase obrigatório e a paragem, que é dada pelas potencialidades do espaço em que caminham.

Desta maneira, os mapas resultantes destas cartografias, desenham percursos que aliam deslocamentos alternados por paragens. Através destes dados foi feita uma compilação destas cartografias num mapa de experimentação do espaço (figura 7).

Com base na sobreposição dos diversos mapas, foi possível verificar uma relação directamente proporcional entre a qualidade da paisagem e a sensação de segurança. Assim, ao comparar os diferentes mapas é possível associar a baixa qualidade visual (zonas de vazios) à falta de segurança e por consequência à alteração de percurso. Importa ressaltar, que a segurança representa uma das maiores preocupações da população, facto este confirmado neste estudo pelas várias anotações referentes à segurança ou insegurança dos espaços.



Figura 6: Cartografa individual
Fonte: Maria João Tavares, 2011

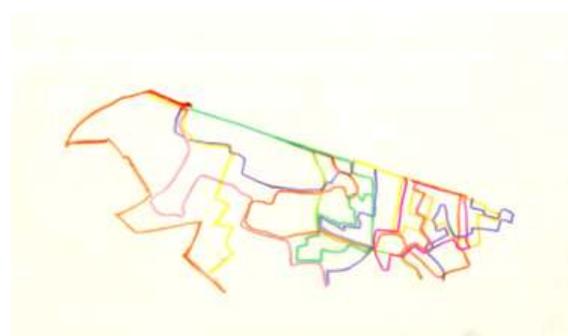


Figura 7: Mapa final de experimentação do espaço
(sobreposição de todas as cartografias)
Fonte: Maria João Tavares, 2011

Foi ainda possível analisar diferentes pontos que evidenciavam a qualidade de alguns elementos naturais, como a vegetação, a água e os elementos construídos, bem como alguns elementos arquitectónicos que testemunham épocas já vividas pela cidade.

Foi surpreendente ver o surgimento de uma nova cidade, descobrir que muitos bairros podem existir dentro de um só bairro. Constatou-se que em pleno centro urbano de avenidas largas de trânsito intenso, encontramos ruas becos e vielas quase sem ruídos automóveis.

Através deste estudo (lúdico e criativo) foi possível perceber e criar uma narrativa por meio da prática da *deriva*, das áreas de vazio com maior necessidade de intervenção.

Esta intervenção surge com o intuito de “fazer as pessoas pensarem” e redimensionar o quotidiano da cidade.

3.3.2 Encontro da vocação artística do espaço

O encontro da vocação artística do espaço surge tendo como ponto de partida uma reflexão sobre a análise espacial feita pelo grupo “ESPACIALISTAS”. Esta análise consiste no mapeamento corporal da paisagem, onde fazem aparecer a vocação artística dos espaços.

Através do trabalho dos “ESPACIALISTAS” (figura 8) é possível reconhecer o espaço natural e construído como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicado nos processos interactivos geradores de sentido.



Figura 8 : Os Espacialistas na mina

Fonte: http://www.espacialistas.com/Espacialistas/Diario_do_Espacialista.html, 2010

O estudo das possibilidades de relações entre corpo e o espaço pode contribuir para o necessário questionamento da actual estetização e espetacularização da cultura, da paisagem urbana, da arte e do corpo, sobretudo ao propor-se como factor de articulação entre políticas culturais e territórios urbanos (ESPACIALISTAS, 2008).

Partindo da premissa de que corpo e o espaço se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência vivencial, o espaço é lido pelo corpo como o conjunto de condições interactivas e o corpo expressa a síntese dessa interacção descrevendo na sua corporalidade, um mapeamento corporal (GIL, 2005).

Os exercícios corporais realizados na área de intervenção são um tipo de mapeamento realizado pelo corpo e no corpo, ou seja, é inscrita a memória da do espaço no corpo, o registo da sua experiência, do próprio espaço, que configura o corpo de quem o experimenta.

Com estes exercícios surge a pretensão da experiência ficar inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo, e dessa forma defini-lo, mesmo que involuntariamente.

Tal como os Espacialistas afirmam no seu diário espacial “permanecemos no espaço, sem nos darmos conta das suas reais qualidades e sem nos questionarmos se houve alguém que as pensou antes de nós por causa de nós e da qualidade de vida dos nossos dias” (ESPACIALISTAS, 2008, pág. 1).

É neste sentido que se pretende fomentar uma consciência crítica relativa à área em estudo.

A redução da acção urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana, leva a uma restrição das possibilidades perceptivas do corpo que, então, se configura sob um padrão de corporalidade mais restrito, e os espaços urbanos tornam-se simples cenários (DELEUZE & GUATTARI, 2004).

Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados pelos habitantes, levam-nos a repensar as relações entre a arquitectura, a arte e o corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão. A paisagem urbana, não só deixa de ser cenário quando é praticada mas, mais do que isso, ela ganha corpo, tornando-se “outro” corpo.

Desta relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pretende-se que surja uma outra forma de apreensão urbana, e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção nesta paisagem.

Com esta intervenção, pretendeu-se desenvolver “desenhos fotográficos”, (figura 9) substituindo o lápis pela máquina fotográfica e criar exercícios de representação e percepção do espaço, dando ênfase às qualidades ocultas dos espaços naturais e construídos através do próprio corpo. Estes desenhos são pensamentos instantâneos, intuições previstas ou pressentidas, possibilidades de assimilação, comprovação e aprofundamento de conhecimentos anteriores (esquecidos).

Surge, assim, uma sequência de desenhos fotográficos, com o intuito de:

- consciencializar e recriar, descobrir e captar a percepção daquilo que se (re)vê na paisagem urbana;
- alterar um determinado contexto, com o objectivo de fazer aparecer o seu potencial;
- dar aparência a novas formas de olhar um espaço em abandono (salinas);
- realçar as qualidades ocultas dos espaços naturais e construídos através do próprio corpo.



Figura 9: Desenhos fotográficos do vazio
Fonte: Maria João Tavares, 2011

4. Investigação experimental - Acções sobre os vazios urbanos

Neste capítulo pretende-se, numa primeira fase, verificar, por meio da análise perceptual e performativa, os diversos efeitos causados pelo vazio urbano na população e, posteriormente, sugerir medidas projectuais.

4.1 A performance como activador da memória colectiva

Numa tentativa de encontrar resquícios de memória, fragmentos de lembranças históricas, gestos dos antepassados ligados à safra do sal, surge a performance 2,431km (extensão do antigo ramal ferroviário do Canal de São Roque).

Vários moradores do Bairro da Beira-Mar contam histórias sobre a azáfama de outrora ligada ao sal, às manifestações culturais (Festa de São Gonçalinho/Cavacas) (figura 10) à chegada das embarcações/salineiros e o seu transporte e comercialização para todo o país através do caminho-de-ferro.



Figura 10: Festa de São Gonçalinho

Fonte: Maria João Tavares, 2011

Esta performance surge com o intuito de procurar fragmentos de história, gestos, comportamentos “afogados”, que possam reavivar identidades no tecido da memória colectiva das pessoas da Beira-Mar e reabilitar performances perdidas ao longo da história de ocupação e exploração deste espaço, pois “as performances são feitas de pedaços de comportamento restaurado (...)” (SCHENER, 2002, pág.35)

Observa-se, através de vários relatos, que o “imaginário” ligado ao sal quase desapareceu ou ficou esquecido na história e cultura, quase como um elemento morto.

Com esta performance pretende-se “recuperar” estes factos e devolvê-los à comunidade, como elementos de relevância para o fortalecimento e reconstrução da memória colectiva.

Para esta performance achou-se necessário trilhar a acção do homem sob os carris, que outrora existiram e hoje apenas poderemos observar pequenos fragmentos na paisagem (figura11), que encaminhavam os vagões de sal desde os armazéns construídos em madeira (figura 12,13) ate à estação, onde



Figura 11: Fragmentos na paisagem - carris da antiga via-férrea

Fonte: Maria João Tavares, Aveiro, 2011

posteriormente era comercializado. Simbolicamente pretende-se fazer como se este caminho de possibilidade, nos pudesse levar à transformação social e ao entendimento de um tempo passado e a partir dele fazemos uma reflexão sobre a actualidade.

Esta surge como o resultado entre a cultura de tradição e práticas culturais em proveito do progresso, surge de modo a garantir o fortalecimento das identidades, construídas a partir da restauração de comportamentos específicos que lhes eram familiares.

A presente performance surge como contributo para reactivar as identidades e memórias fragmentadas.



Figura 12: Ramal ferroviário do canal de São Roque (1930)

Fonte:http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Arkidigi/C_da_Silva, 2006



Figura 13: Armazéns de sal e ramal ferroviário do canal de São Roque (1921)

Fonte:http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Arkidigi/C_da_Silva, 2006

Com esta performance (figura14), segundo testemunhos da população (entrevistas realizadas a uma amostragem de 8 pessoas, segundo um roteiro previamente programado e impresso num formulário, anexo1) e a projecção de um trecho da performance (projecção realizada durante 1 dia num antigo armazém de sal) conclui-se que o tempo, embora tenha fragilizado estas identidades, felizmente não conseguiu diluir por completo as acções e as memórias do passado.



Figura 14: Registo fotográfico da performance 2,431km

Fonte: Duarte Marques, 2011

Foi possível perceber que os indivíduos que vivenciaram os momentos mais importantes da via-férrea (construída em 1913), ainda a reconhecem no espaço. Ou seja estas pessoas vivenciaram a decadência da indústria salinera, o termino das actividades no antigo ramal, e a retirada dos trilhos (1960). Deste modo, e segundo testemunhos de alguns indivíduos, foi-lhes possível perceber pela performance o antigo trilho da via-férrea. Durante as entrevistas captaram-se os anseios e as expectativas dos moradores para estes vazios, sendo que a maioria dos entrevistados revelaram que gostavam de voltar a identificar estes locais pela sua história passada. Para

além destes testemunhos, houve também quem afirmasse que gostava de ver surgir espaços verdes, lúdicos e abertos à comunidade, bem como recuperar a permanência /importância do sal naquele lugar.

Estes testemunhos foram de extrema relevância para compreender a dimensão do passado e as repercussões que teve na população e na paisagem do presente (vazio).

4.2 Apropriação experimental de vazios urbanos

A apropriação experimental de vazios urbanos visa repensar o território urbano e as relações que a população pode criar com os espaços vazios da cidade.

Como principais objectivos pretende-se, apontar subtilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos centros urbanos, estabelecer discussões sobre problemas da cidade e reivindicar a cidade como espaço para a arte.

Propõe-se uma apropriação destes espaços para o uso público temporário.

4.2.1 Secret garden – intervenção de guerrilha

Inspirado no movimento “guerrilha gardening” (grupo de guerrilheiros que durante a noite impregnam a cidade de natureza), surge o projecto “secret garden”.

Inspirados por uma atitude estético-crítica, as intervenções “secret garden” resultam em manifestações contra a negligência e o vazio que afecta os espaços públicos da cidade. Reivindicam a cidade como espaço para arte, acreditando que é possível construir ou reconstruir estes espaços da cidade.

Estas intervenções, sem qualquer tipo de autorização, são elaboradas durante a noite ou de madrugada, transformando espaços vazios em pequenos “jardins”. Ao contrário dos guerrilheiros dos jardins, que utilizam material vegetal, neste caso (guerrilheiros dos vazios) utilizaram flores por eles elaboradas (manga plástica vermelha e arame) as quais são “plantadas” em vazios da cidade.

Foram elaboradas três intervenções de guerrilha ao longo da área em estudo (figura 15,16,17) e, posteriormente, efectuada uma análise por intermédio de entrevistas e filmagens, de modo a perceber as sensações e expectativas que os observadores tiveram quando se depararam com as instalações.



Figura 15: Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #1, praça Joaquim de Melo Freitas

Fonte: Maria João Tavares, 2011



Figura 16: Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #2, Jardim do Rossio

Fonte: Maria João Tavares, 2011



Figura 17: Registo fotográfico da intervenção de guerrilha #3, Ponte de Carcavelos

Fonte: Maria João Tavares, 2011

Importa salientar que as “flores plantadas” foram retiradas após 8 dias de permanência no local, por questões ecológicas.

Como instrumento de trabalho para esta intervenção, optou-se pelo recurso à entrevista.

A entrevista surgiu com o intuito de gerar um conjunto de informações sobre o que as pessoas pensam, sentem, acreditam e esperam. Esta entrevista teve um carácter de entrevista estruturada ou padronizada, onde o entrevistador seguiria um roteiro previamente programado e impresso num formulário (anexo2). Optou-se pela entrevista uma vez que seria necessário reunir um grupo numeroso de respondentes num curto espaço de tempo.

Estas entrevistas foram elaboradas nos locais específicos de intervenção a uma amostragem de 10 pessoas.

Pela análise das respostas recolhidas, é possível identificar dados comuns, que manifestam percepções da população.

Dos resultados obtidos, pode-se destacar que estas intervenções mesmo estando localizadas em zonas movimentadas, raramente passaram despercebidas pelas pessoas, tendo a maioria dos entrevistados, demonstrado a sua inquietude para com os espaços vazios existentes na cidade.

Perante a instalação, várias foram as expressões para a caracterizar, desde a admiração, entusiasmo, beleza, inspiração, estranheza, inquietude e até artifício.

A expressão “artifício” surge sob a forma de notícia no diário de Aveiro. Segundo esta, a intervenção “Secret Garden” não passava de uma ilusão, “Assemelham-se a papoilas, mas é só uma ilusão. De longe parecem uma coisa mas à medida que nos aproximamos são outra”.



Com recurso aos testemunhos da população e à notícia de jornal (figura18), verificou-se o cumprimento do objectivo inicial deste projecto, o alertar para a negligência e para o vazio que afecta os espaços públicos da cidade.

Assim, com recurso à criação de manchas de cor no cinza indistinto da cidade, foi possível alertar para a existência de espaços vazios, salpicá-los com um pouco de poesia para quem passa, despertando a população para a responsabilidade social e para o desperdício de espaços que poderiam gerar beleza e inspiração para os habitantes da cidade.

Figura 18: Recorte de jornal referente à intervenção “Secret garden”

Fonte: Diário de Aveiro, 2011

4.3 Medidas projectuais

Na análise dos vazios urbanos de um modo geral (figura 19), pode-se afirmar que se encontram nestes espaços um campo vasto para actuação, em benefício da sociedade.

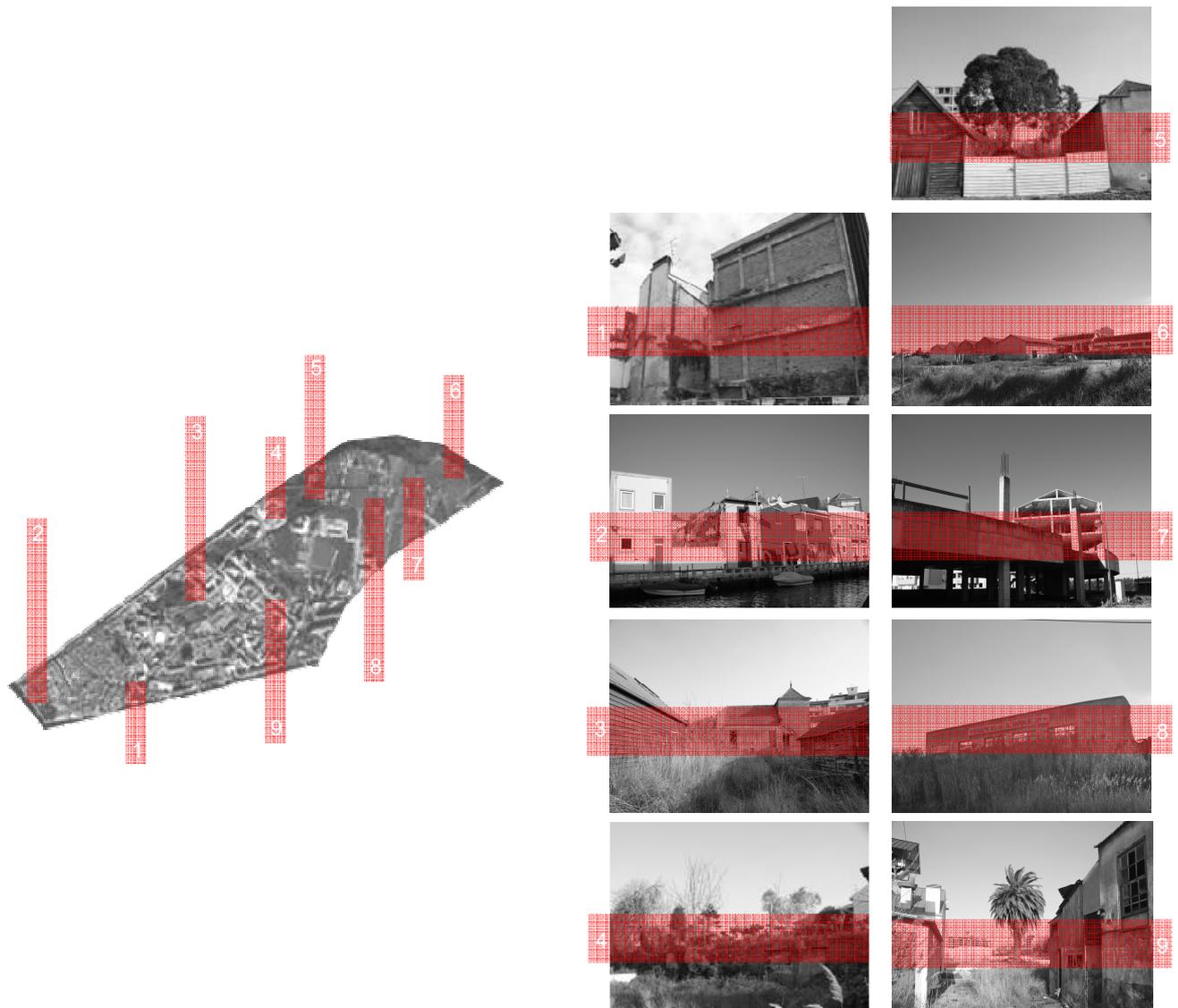


Figura 19: Mapa de localização e fotografias representativas dos vazios urbanos do bairro da Beira-Mar
Fonte: Maria João Tavares, 2011

Assim, o cumprimento do papel dos vazios na cidade não se restringe à edificação de obras em terrenos vagos, mas deve-se considerar, sobretudo, a sua utilização como forma de potencialização das suas características e o bem-estar e lazer colectivo.

Além de se ter em conta a realidade de cada vazio, é fundamental considerar que estas áreas, se não tratadas, podem entrar num círculo vicioso, transformando-se em diversas tipologias de vazio ao longo do tempo.

Estes locais estão abertos a inúmeras possibilidades, jardins (*jardin en mouvement* (figura 20, 21), parques, praças, salas de estar (figura 22), áreas de lazer, hortas urbanas, definindo a sua utilização plena e, conseqüentemente, o cumprimento da sua função social.



Figura 20: Projecto "Jardin en mouvement" do Arq. Paisagista Gilles Clement
Fonte: CLÉMENT, Gilles, Le jardin en mouvement: De la Vallée au Champ, via le parc André Citroën et le jardin planétaire, 2007

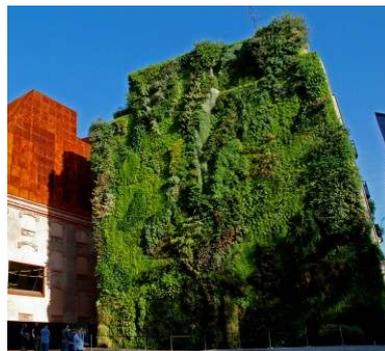


Figura 21: Jardim vertical de Patrick Blanc
Fonte: <http://www.stylepark.com/en/patrick-blanc-vertical-garden/caixa-forum-madrid>, 2011



Figura 22: Sala Urbana "Stadtlounge" da Artista Pipilotti Rist e do Arquitecto Carlos Martinez
Fonte: VEDIELLA, Alex, Atlas de Arquitectura del Paisaje, Loft, 2008

Para tal, surgem algumas medidas projectuais, com base nas pesquisas de campo e na opinião da população local (tendo esta um conhecimento das suas reais necessidades) em relação a possíveis acções para estes espaços.

As intervenções projectuais propostas têm como pressuposto inicial não preencher o vazio, mas potencializá-lo, indo ao encontro das vontades dos moradores.

Deste modo, pretende-se potenciar a criação de espaços que valorizem a experiência sensorial, a sociabilidade, a contemplação, susceptíveis de ajustar os hábitos e rotinas dos habitantes, garantindo o conforto bioclimático e as demais funções ecológicas indispensáveis à cidade.

4.3.1 Vazios sonoros

A proposta projectual “vazios sonoros” prende-se com a realização de intervenções urbanas, com recurso à tecnologia informática de um modo colaborativo e aberto.

A colaboração aqui é entendida como participação, ou seja, é um projecto no qual o público faz parte da obra e esta só pode ser observada pela acção dos mesmos.

Propõe-se a realização de percursos (com recurso aos mapeamentos elaborados) pelo Bairro da Beira-Mar nos quais se “plantam” sons nos vazios do bairro, integrando as novas tecnologias no ambiente urbano (vazio 1,2,3,4,5,6,7,8,9).

Como ponto de partida, adoptou-se como base a metodologia, software e procedimentos dos programas “Tactical Sound Garden” (2006) e “Sonic Babylon”(2009), que consistem numa plataforma open source, para a criação de ambientes sonoros participativos.

Pretende-se a implantação de sons georeferenciados, legíveis através do telemóvel, Pda ou Ipod, com recurso a auscultadores, apenas em zonas com wireless.

Com recurso a esta tecnologia o observador/participante pode escutar os sons deixados ou “plantados” por outras pessoas, desfrutando de uma nova experiência sensorial do espaço urbano.

Com este projecto pretende-se a participação do público na criação de um exercício sonoro, por meio de selecções áudio em que os participantes do projecto podem fazer o “cultivo de jardins” sonoros na cidade.

Tendo como base a ideia do projecto “Tactical sound garden” de jardinagem comunitária, pretende-se a criação de um ambiente participativo onde possam ser exploradas e avaliadas novas práticas espaciais para interacção social num ambiente mediado tecnologicamente (figura23).

Para a implementação deste projecto propõe-se a integração dos “vazios sonoros” de Aveiro no projecto Australiano “Sonic babylon”, podendo este tornar-se no primeiro “jardim” sonoro português.

A utilização deste programa poderia ser feita num website, onde a população acederia à documentação conceitual e técnica do projecto, bem como ao download do software necessário para as intervenções urbanas.



Figura 23: Fotomontagem ilustrativa da proposta “vazios sonoros”
Fonte: Maria João Tavares, 2011

4.3.2 Jardim flor de sal

Flor de Sal é um jardim efémero de sal, que se desenvolverá num vazio urbano (vazio 5), onde anteriormente o sal era armazenado e posteriormente comercializado.

O projecto surge com a apropriação de um dos ícones da cidade, o sal, de modo a permitir uma reconquista dos seus usos e costumes, através de uma prática activa e alternativa.

É importante compreender que esta actividade não é uma simples transfiguração do sal mas, primeiramente tem como objectivo, transformar, distorcer e reorientar, ver como funciona o seu uso activo, colectivo e participativo no espaço público. Inspirado ao nível da modelação e da apropriação lúdica do espaço, no projecto “Buga garden” (figura 24), do arquitecto paisagista Rainer Landschaftsarchitekten e no projecto “Wave field” (figura 25) da Arquitecta e Artista Maya Lin.

O objectivo deste projecto é favorecer a experiência do espaço urbano, permitir uma nova apropriação dos espaços vazios e criar novas reacções sociais entre os usuários.



Figura 24: projecto “Buga garden”, do arquitecto paisagista Rainer Landschaftsarchitekten

Fonte: KRAUEL, Jacobo, The art of landscape, Carles Broto i Comerma, 2006



Figura 25: projecto “Wave field” da Arquitecta e Artista Maya Lin.

Fonte: AMIDON, Jane, Paisajes Radicales: Reinventar el espacio exterior, Blume, 2003

Este projecto propõe a reconquista lúdica e activa de um espaço vazio, através da criação de uma ambiência e movimentação do corpo, convidando os participantes a fazerem uma nova experiência do espaço (figura26).

O corpo torna-se, não somente interface entre o mundo exterior e o ser, mas também, identidade própria.

Ele propõe igualmente novas condições de sociabilização entre a população, a fim de transformar este espaço numa ambiência definida por novas propostas sensoriais. O espaço é, então, temporalizado e singularizado por essas condições, e tem como consequência, a criação de um lugar, que tendo como ponto de partida a memória do local, criará uma nova identidade urbana.

O projecto consiste numa modelação do terreno com recurso ao sal, sobre uma caixa em madeira que funcionará como uma estrutura de fundação. (figura 27)



Figura 27: Corte explicativo da proposta
Fonte: Maria João, 2011

O projecto tem a possibilidade de ser implantado rápida e facilmente, podendo este ser aproveitado como algo itinerante entre os vários vazios da área em estudo.

4.3.3 Jardins do vazio

Com o projecto “jardins do vazio” (figura 28) pretende-se fazer uma ocupação de alguns dos espaços urbanos ociosos e degradados (vazios urbanos), para a prática da jardinagem e da agricultura, com o intuito de criar jardins familiares. Estes espaços caracterizam-se por pequenas parcelas de terreno (vazios 3,4,5,6,8,9) alugadas a particulares para a cultura de flores, legumes e frutos em pleno cenário urbano.

Existe uma necessidade crescente da população contactar com a natureza e dar utilidade aos espaços verdes (Falcón, 2007). Em contexto de crise, o projecto garante um apoio orçamental às famílias tentando ir ao encontro das carências da população.



Figura 28: Fotomontagem ilustrativa da proposta projectual jardim do vazio

Fonte: Maria João, 2011

Para a implantação do projecto estão previstas as seguintes actividades:

- 1) articulação, mobilização e selecção de “famílias jardineiras”, critérios para a participação, levantamento das famílias interessadas e realização de trabalhos de sensibilização;
- 2) Desenvolvimento e organização do processo de jardinagem e cultivo familiar;
- 3) Melhoria das condições de jardinagem e cultivo com auxílio de um suporte técnico;

Após uma apresentação deste projecto na Câmara Municipal de Aveiro, obteve-se receptividade, estando este a ser actualmente implementado, numa fase inicial (levantamento dos proprietários dos terrenos e de famílias interessadas).

5. Conclusões

Os vazios são espaços inerentes às cidades, coexistindo tanto como pré-existências urbanas, no caso das áreas vagas, com potencial para projectos futuros, como pós-existências urbanas, derivadas de actividades que já não estão presentes naquele local. Independentemente dessas situações, a presente investigação demonstra que as áreas vagas constituem locais com potencialidades que podem ser aproveitadas para o benefício da cidade e da sociedade.

Pela bibliografia estudada, depreende-se que o tema vazio urbano é actualmente discutido na literatura, no planeamento, no projecto e gestão das cidades, embora sob diversos aspectos. As ideias a respeito destes espaços são divergentes, variando, sobretudo, de acordo com o autor e as suas experiências pessoais, originando diferentes pontos de vista.

Por outro lado, os objectos conceituais de contextualização, o estudo da paisagem, da percepção, do espaço e do tempo é de fundamental importância para a localização do tema vazio urbano no âmbito do planeamento, projecto e gestão das cidades, pois a sua presença na malha urbana causa interferências espaciais que se reflectem na paisagem da cidade como um todo. Por sua vez, as ideias transmitidas pela relação dos conceitos abordados com o espaço vazio, expressas pelos temas referentes à revitalização e requalificação, constituem processos que podem contribuir para uma estratégia de intervenção que vise dar um novo significado e utilidade aos vazios urbanos.

As interferências das áreas vagas na dinâmica da vida urbana, têm uma repercussão humana na medida em que são percebidas pela população, configurando a imagem que cada habitante tem da sua cidade. Acerca deste aspecto, o trabalho de campo contribui para uma investigação mais ajustada à realidade do espaço da área de estudo, o centro histórico da cidade de Aveiro.

A partir desta análise, pode-se notar a divergência existente entre diferentes tipologias de vazios urbanos, ressaltando-se a significativa avaliação crítica dos cidadãos em relação aos vazios urbanos em geral, destacando-se negativamente as áreas construídas e abandonadas, em oposição a uma maior tolerância aos terrenos sem ocupação física.

Tem-se, assim, a confirmação da hipótese inicial deste trabalho, ou seja, a existência dos vazios urbanos causa uma interferência significativa no bem estar emocional e físico dos usuários do espaço urbano, uma vez que estas áreas são resultantes de uma paisagem diferente da idealizada, constituindo descontinuidades visuais, ocupacionais e de uso, que devem ser adequadamente tratadas. Tal confirmação valida novamente a importância da realização da pesquisa de campo, já que se torna fundamental identificar e compreender as sensações e memórias que a presença destas áreas provoca na população. Cabe, porém, destacar que diferentes tipos de vazios provocam reacções diversas nos usuários, tanto em termos de qualidade da paisagem ou dos elementos naturais e construídos, como também em relação à sensação de segurança que estes locais transmitem. Assim, diferentes tipologias de vazios provocam distintos graus de inquietação à população.

Pelo levantamento de campo para a localização e percepção das áreas vagas, percebe-se que a maioria dos vazios se encontra em zonas de ocupação urbana antiga, remetendo ao início da formação da cidade de Aveiro.

Assim, não se pode atribuir uma padronização ou tendência comum, mas soluções aplicáveis para cada tipologia, com a realização do seu estudo em separado.

A abordagem conceitual e a análise prática do tema permitem afirmar que os vazios exercem influências sobre a vida urbana, em especial na área estudada. Tais influências podem ser tanto paisagísticas, uma vez que estes locais são marcados no espaço urbano pelo seu contraste com a envolvente, como perceptuais, pois são evidentes as suas diferentes interpretações pelos usuários da cidade. Desta forma, tem-se como objectivo específico, proposto no início do trabalho, analisar a paisagem dos vazios urbanos em termos paisagísticos, perceptuais e da memória.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram compostos por interpretações conceituais, pesquisa de campo, mapeamento do vazio, representação e experimentação do espaço e encontro da vocação artística do espaço, de modo a atingir o objectivo proposto de analisar os vazios urbanos.

Num primeiro momento, forneceram-se conceitos para a compreensão do estudo, fundamentando questões para a pesquisa de campo, a qual por sua vez, foi de fundamental relevância para a aproximação entre teoria e prática e para a implementação das medidas projectuais.

Nesta fase, foi possível analisar a percepção do usuário da cidade em relação às áreas vagas, bem como as sensações que estes locais provocaram nas pessoas.

Para futuras pesquisas mais aprofundadas, serão necessários estudos em relação às entrevistas de campo, nas quais o tamanho do guião da entrevista trouxe dificuldades de resposta do público-alvo. Recomenda-se, assim, a reconsideração da importância de cada questão, de modo a sintetizar ao máximo possível a pesquisa.

O enriquecimento do tema também é possível pelo estudo mais detalhado das possibilidades de uso e ocupação das áreas vagas, baseado na legislação existente, visando a complementação desta pesquisa.

Por fim, cabe de novo ressaltar a importância dos vazios urbanos para a cidade. Estas áreas são vistas como degradantes para o meio urbano e para a vida em sociedade, porém, constituem locais com grande potencial de aproveitamento, seja por meio de instalações temporárias, jardins, hortas ou zonas lúdicas. Esta interpretação, embora possa parecer utópica, é confirmada pela pesquisa de campo, na qual a população pôde expressar a sua preferência por áreas abertas e com vegetação, em oposição à visão mais crítica em relação às edificações em ruínas ou abandonadas, sendo destacadas sugestões de ocupação e requalificação destes locais e de utilização não necessariamente ocupacional daqueles.

Torna-se assim evidente a consciência dos cidadãos a respeito do tema, o que é significativo para o projecto urbano, uma vez que acções no sentido de modificar a paisagem devem ser precedidas de processos de consciencialização da população em relação à importância das mudanças a serem efectuadas.

Assim, o estudo contribui para a estruturação de procedimentos metodológicos que podem ser aplicados para verificação da necessidade de alterações espaciais na cidade, em especial com referência às áreas vagas, constando a percepção e a memória da população sobre estes locais, bem como o seu grau de satisfação em relação à paisagem.

Para além dos procedimentos metodológicos, foram também desenvolvidas algumas medidas projectuais a implementar na área em estudo.

Cabe ainda destacar que a pesquisa de campo e medidas projectuais não são aplicáveis exclusivamente à área de estudo, podendo ser produzidas e adaptadas a diferentes realidades urbanas, propondo a análise/revitalização e requalificação de áreas vagas nas mais diversas situações. A pesquisa pode ser reproduzida para o estudo de vazios urbanos em outros casos, sendo necessária a sua revisão e adequação à realidade local e aos anseios dos investigadores em relação aos seus resultados.

O estudo contribuiu para a análise dos “lugares em espera” da zona histórica da cidade Aveiro, servindo como base para a realização de algumas propostas projectuais (vazios sonoros, jardim flor de sal e jardins do vazio) e para trabalhos acerca destas áreas. Importa, também, ressaltar a importância da inclusão das pesquisas de campo e perceptuais (representação e experimentação dos espaços, encontro da vocação artística dos espaços, performance e intervenções de guerrilha) nestes estudos, uma vez que tais procedimentos aproximam a teoria da realidade, fornecendo conclusões indispensáveis para a compreensão da situação urbana e para a fundamentação das acções projectuais sobre o espaço.

6. Referencias bibliográficas

AMIDON, J. Paisajes Radicales: Reinventar el espacio exterior. Barcelona, Blume, 2003.

AMORIM, I. Aveiro e os Caminhos do Sal (sécs. XV e XX). Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 2001.

_____. Os inquéritos sobre o sal português nos séculos XVIII a XX, Actas do I Seminário Internacional sobre o Sal Português. Aveiro, Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2005.

ANDREOTTI, L. ; COSTA, X. Situacionists – Art, Politics, Urbanism. Barcelona, Museu d’Art Contemporani de Barcelona, 1996a.

_____. Teoria de la deriva y otros textos situacionistas sobre la ciudad. Barcelona, Museu d’Art Contemporani de Barcelona, 1996b.

AUGÉ, M. Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. (Non Lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité). Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Editora 90º, 2005.

BAUDRY, P. ; PAQUOT, T, L’ urbain et ses imaginaires. Pessac, Maison des Sciences de L’ Homme d’ Aquitaine, 2003.

BELO, R. Trienal de Arquitectura de Lisboa, Vazios urbanos/urbanvoids. Lisboa, Caleidoscópio, 2007.

BLANC, P. Le mur vegetal : de lá nature à la ville. France, Michel Lafon, 2008.

BROTO, C. Playgrounds Design. Links, 2008.

BUSQUETS, J. New urban phenomena and a new type of urbanistic project, in: International Union of Architects in: International Union of Architects, Present and futures: architecture in cities Congress. Michigan, Comitè de Organizació del Congrés, 1996.

CARLOS, A. O espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo, Contexto, 2004, p.50-76.

CASTELLS, M. The theory of the Network Society. Cambridge, Polity Press, 2006.

CLAWSON, M. El espacio abierto (no cubierto) como nuevo recurso urbano, in: PERLOFF, H. La calidad del medio ambiente urbano. Barcelona, Oikos-tau, 1992.

CLÉMENT, G. Le jardin en mouvement : de la vallée au champ via le parc André Citroën et le jardin planétaire. Paris, Sens e Tonka, 2007.

CLICHEVSKY, N. Tierra vacante en ciudades latinoamericanas, Situación actual y propuestas para su utilización. Cambridge, Lincoln Institute of Land Policy, 1998.

CÔRREA, R. O espaço urbano. São Paulo, Editora Atica, 1989, p.9-20.

CULLEN, G. Paisagem urbana. (Concise Townscape). Trad. de Isabel Correia e Carlos Macedo. Lisboa, Edições 70, 2008.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia. London, Continuum, 2004, p.185-211.

ESCRIBANO, M.; FRUTOS, M.; IGLESIAS, E.; MATAIZ, C.; TORRECILLA, I. El paisaje. Madrid, Montes, 1989.

FALCÓN, A. Espacios verdes para una ciudad sostenible: Planificación, proyecto, mantenimiento y gestión. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2007, p.37-53.

FIALOVÀ, I. Terrain vague: a case of memory. in: MORALES, S. International Union of Architects, Present and futures: Architecture in Cities, Barcelona, Actar, 1996.

FORMAN, R.T.T.; GODRON, M. Patches and structural components for a landscape ecology. New York, Bioscience, 1986.

GIL, J. Movimento Total: o corpo e a dança. Lisboa, Editora Iluminuras, 2005, p.157-182.

JELLICOE, G. A.; JELLICOE, S. El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días. Barcelona, Gustavo Gili, 1995.

JEUDY, H. P. Critique de l'esthétique urbaine. Paris, Sens et Tonka 2003.

LABASSE, J. L' organization de l' espace, éléments de géographie volontaire. Paris, Hermann, 1971, p. 253-263.

LEFEBVRE, H. The production of space. Oxford, Beckwell, 1991.

LYNCH, K. A Imagem da Cidade. (The image of the city). Trad. de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa, Edições 70, 1999.

MADAHIL, A. Milenário de Aveiro: Colectânea de textos históricos, vol. I. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1959.

MADERUELO, J. El espacio raptado: interferências entre arquitectura y escultura. Madrid, Mondadore, 1990.

MADERUELO, J. Arte público: naturaleza y ciudad. Madrid, Fundacion Cesar Manrique, 2001.

MAGALHÃES, M. A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade. Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.289-332.

MORALES, I. S. Terrain Vagues in Anyplace. Cambridge, MIT/Any, 1995, p.118-123.

KOOLHAAS, R. El Espacio basura: de la modernización y sus secuelas. Madrid, Arquitectura Viva, 2001.

KOHLSDORF, M. A apreensão da forma da cidade. Brasília, UNB, 1996.

KRAUEL, J. Landscape Design Promenades. Links, 2007.

KRAUEL, J. The art of landscape. Carles Broto i Comerma, 2006.

KRAUEL, J. Urban spaces New City Parks. Links, 2008.

RUFINO, M. B. C. Regeneração urbana e estratégias residenciais em áreas centrais : o caso de Fortaleza (Brasil). Porto, 2005. 180p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção, 3ªed. São Paulo, Hucitec, 1997.

SARAIVA, A. Princípios de Arquitectura Paisagista e de ordenamento do território. Mirandela, João Azevedo Editor, 2005, p.150 -198.

SCHENER, R. Performance Studies: An Introduction. New York, Routledge, 2002.

SOLOMON, S. American playgrounds: Revitalizing community space, University press of new England, 2005.

TURNER, T. Landscape planning: a linguistic and historical analysis of therms use. Amsterdam, Landscape Planning, 1983, p.179-192.

VEDIELLA, A. Atlas de Arquitectura del Paisaje. Barcelona, Loft, 2008.

Revistas

Diário do Espacialista. Blow –Up Espacialista: A grande Mala de Espaços. Lisboa, nº3, série I, 2009.

Diário do Espacialista. Cidade portá(c)til: os Espacialistas no CCB. Lisboa, nº2, série I, 2009.

Diário do Espacialista. Os Espacialistas na Mina: Decepamento mimético. Lisboa, nº1, série I, 2008.

Diário do Espacialista. Os Espacialistas na Quinta, Dói-nos o espaço. Lisboa, nº0, série I, 2008.

JACOB, F. O plano do Vouga. Aveiro e o seu Distrito -. Aveiro, n.º 23/25, 1977/1978.

Referencias electrónicas

Câmara Municipal de Aveiro (2011, 8 de Fevereiro), Informação geográfica, Acedido em 17 de Março, 2011. Disponível em http://www.cm-aveiro.pt/www//Templates/lframesig.aspx?id_class=1424&divName=1379s151s1424&url=http://sig.cm-aveiro.pt/portalsigv3/default.aspx.

Espacialistas na mina. Acedido em 16 de Junho, 2010. Disponível em http://www.espacialistas.com/Espacialistas/Diario_do_Espacialista.html.

International sunflower guerrilla gardening day (2011, 1 de Maio). Acedido em 3 de Maio, 2011. Disponível em <http://www.guerrillagardening.org>.

SILVA, C. (2006, 5 de Junho). Acedido em 15 de Maio, 2011. Disponível em http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Arkidigi/C_da_Silva.

Sonic Babylon, (2009, 24 de Janeiro). Acedido em 20 de Março, 2011. Disponível em <http://www.sonicbabylon.com>.

Tactical Sound Garden [TSG] Toolkit (2004). Acedido em 20 de Março, 2011. Disponível em <http://www.tacticalsoundgarden.net>.

7. Anexos

Anexo1

Entrevista _ performance 2,431 km

1. Identificação					
Localização da intervenção		Dia		Hora	
Nome (opcional)					
Sexo	Masculino		Feminino		
Faixa etária	15 aos 30 anos		30 aos 50 anos		> de 50 anos
Grau de escolaridade	Ensino básico		Ensino secundário		Ensino Superior

2. Questões
1. Conhece este espaço? Ao olhá-lo qual a memória que lhe transmite?
2. Este foi um espaço de grande contributo económico para a cidade, sabe porque?
3. Como se processava a saída do sal para a sua comercialização?
4. Consegue associar a performance que acabou de visualizar com a simbologia do espaço?
5. Quais as expectativas que tem para este espaço no futuro?

Anexo 2

Entrevista _ Instalação "Secret Garden" _ intervenção de guerrilha

1. Identificação				
Localização da intervenção		Dia		Hora
Nome (opcional)				
Sexo	Masculino		Feminino	
Faixa etária	15 aos 30 anos		30 aos 50 anos	> de 50 anos
Grau de escolaridade	Ensino básico		Ensino secundário	Ensino Superior

2. Questões
1. Conhece este espaço? Ao olha-lo qual a memória que lhe transmite?
2. Presentemente sabe o que se passa neste local?
3. Acha que esta intervenção/instalação é uma maneira de alertar para um espaço abandonado, degradado ou vazio?
4. Será esta uma das maneiras de reivindicar a cidade como um espaço para a arte?